



**VOL. 20, Nº 1 (Enero- Abril 2016)**

ISSN 1138-414X (edición papel)

ISSN 1989-639X (edición electrónica)

Fecha de recepción 1/05/2016

Fecha de aceptación 5/05/2016

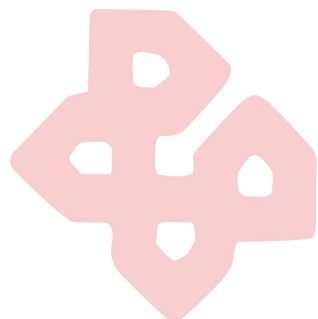
## MONOGRÁFICO

ENTRE LIVROS DIDÁTICOS IMPRESSOS E LIVROS  
DIDÁTICOS DIGITAIS: DEBATES E DESAFIOS.

EDITORIAL

**NEM A DEFESA INGÊNUA NEM A DENÚNCIA  
VAZIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A ANÁLISE DAS  
RELAÇÕES ENTRE OS LIVROS DE TEXTO  
IMPRESSO E DIGITAIS**

*Ni la defensa ingenua ni la denuncia vacía: contribuciones para el  
análisis de las relaciones entre los libros de texto impreso y digitales*



*Jesús Rodríguez Rodríguez\*, Jaime Martínez Bonafé\*\* y  
Tânia Braga García\*\*\**

*\*Universidad de Santiago, \*\*Universidad de Valencia y*

*\*\*\*Universidad Federal do Paraná-Brasil*

E-mail: [jesus.rodriguez.rodriguez@usc.es](mailto:jesus.rodriguez.rodriguez@usc.es)

A numerosa e diversa produção de livros, artigos e mesmo de artigos midiáticos sobre “o mundo do texto eletrônico”<sup>1</sup> oferece aos interessados no tema um conjunto de

<sup>1</sup> Expressão usada por (Chartier, 1999, p.16)

contribuições para se analisar, compreender e discutir as transformações sociais derivadas da presença das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.

De modo especial, analisando as publicações de trabalhos científicos apresentados nas conferências realizadas pela International Association for Research on Textbooks and Educational Media (IARTEM)<sup>2</sup>, desde 2019, pode-se constatar como a temática dos recursos didáticos digitais vem gradualmente ganhando espaço no âmbito da pesquisa. É evidente a preocupação dos investigadores em ampliar os estudos sobre a presença dos recursos digitais nas escolas e salas de aula, e em particular sobre a relação dos professores com esses recursos.

Ao lado de questões de natureza econômica, ética e técnica, é interessante aqui focalizar inicialmente a problemática da leitura e do próprio conceito de livro enquanto objeto, temas que ocupam a atenção de pesquisadores de diferentes campos do conhecimento, referência necessária para examinar o caso particular que estará em pauta, ou seja, o livro escolar.

Para Manguel (1997, p.85), “os métodos pelos quais aprendemos a ler não só encarnam as convenções de nossa sociedade em relação à alfabetização(...) como também determinam e limitam as formas pelas quais nossa capacidade de ler é posta em uso. Das formas pedagógicas escolásticas de ensinar o autor relembra as leituras com intenção de copiar e memorizar, sustentadas nos comentários ortodoxos, distantes dos textos originais, e também da necessidade de compreensão - já que esta não era uma exigência do conhecimento. A escrita não vinha necessariamente como decorrência desses processos.

Segundo mesmo autor (1997, p. 102), com base em cadernos de notas analisados por ele<sup>3</sup>, “na metade do século XV a leitura, pelo menos na escola humanista, estava gradualmente se tornando responsabilidade de cada leitor individual”. As transformações foram graduais e diferenciadas em cada lugar, conforme diz o autor, e trouxe desdobramentos quanto a tarefa do professor que tinha uma “responsabilidade pública” de tornar os textos disponíveis ao público mais amplo, “afirmando uma história social comum da política, da filosofia e da fé” (1997, p. 103). Da “leitura correta” e de uma ampla perspectiva humanista buscada anteriormente nos espaços coletivos de ensino da leitura, caminha-se para a o ato de ler circunscrito à experiência de cada leitor individual.

Por outro lado, Manguel aponta um elemento interessante para a discussão sobre as transformações que ocorrem nos suportes - ou objetos de leitura - das tabuletas mesopotâmicas, passando pelos códices de pergaminho e livros. Segundo o autor ( 1997, p. 149), “Desde os primórdios, os leitores exigiram livros em formatos adaptados ao uso que pretendiam lhes dar.” Formas e tamanhos do livro foram diferenciadas aos longo dos séculos, mas para Manguel, de todas elas, “as mais populares foram aquelas que permitiam ao leitor mantê-lo confortavelmente nas mãos” (p. 152)

As transformações produzidas na leitura e no livro como efeito da invenção de Gutenberg são suficientemente conhecidas, e foram destacadas por Manguel e por outros autores. Rapidez , uniformidade de texto (a pontuação e a ortografia instáveis eram uma dificuldade para leitores iniciantes) e o preço mais baixo foram vantagens que transformaram a presença dos livros na vida social de muitos lugares.

Costuma-se falar de uma revolução. Mas especialmente aqui, para a discussão do tema em pauta - livros texto impressos e digitais - destacam-se as contribuições de Chartier, em sua conversa com Jean Lebrun, quando solicitado a analisar a ideia de que o texto eletrônico seria uma revolução. O autor afirma:

---

<sup>2</sup> A associação realiza, a cada dois anos, uma Conferência em países europeus. A Conferência de 2009 foi realizada em Santiago de Compostela. Atualmente, Dr. Jesús Rodríguez Rodríguez é Presidente da IARTEM e Dra. Tânia Braga Garcia é membro da direção da Associação.

<sup>3</sup> “São (...) os cadernos de dois estudantes que frequentaram a escola de latim de Sélestat nos últimos anos do século XV” (MANGUEL, 1997, p. 86) - Guillaume Gisenheim e Beatus Rhenanus. Os cadernos estão expostos, segundo indica o autor, na biblioteca municipal da cidade francesa de Sélestat.

De fato, a primeira tentação é comparar a revolução eletrônica com a revolução de Gutenberg. Em meados da década de 1450 só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão. E de repente uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, transfigurou a relação com a cultura escrita (...) Contudo, a transformação não é tão absoluta como se diz: um livro manuscrito (sobretudo nos seus últimos séculos, XVI e XV) e um livro pós-Gutenberg baseiam-se nas mesmas estruturas fundamentais - as do códex.(...) A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e sumários: tudo isso existe desde a época do manuscrito. (1999, p.7)

No caso das transformações que o texto eletrônico vêm provocando, Chartier diz que “é difícil empregar ainda o termo objeto” (p.12), uma vez que o texto é lido mas não é manuseado, diretamente. E nessa situação, o autor identifica uma revolução, já que se pode falar em mudança na forma de inscrição do texto na tela, sua distribuição, sua organização, o que produz uma leitura distinta da que era realizada em outros suportes na Antiguidade, na Idade Média e mesmo em relação ao livro moderno.

O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. (CHARTIER, 1999, p. 13)

Se aceita a argumentação de que se trata efetivamente de uma revolução, coloca-se um outro desafio para discutir os livros de texto e os livros digitais a partir de elementos derivados da relação dos livros ou manuais com a forma escolar<sup>4</sup> (VINCENT et al, 2001). Segundo os autores, pode-se afirmar que a relação pedagógica se autonomizou em referência a outras relações sociais com as quais se mantém ligada, pela e na instituição de um lugar específico, distinto para ensinar e aprender.

A “invenção da forma escolar” se realiza na produção das disciplinas escolares, que passam a ser responsabilidade de um mestre, são organizadas em espaços e tempos definidos, ordenadas e sequenciadas, desenvolvidas por meio de atividades derivadas de regras e princípios, com base em uma relação impessoal. Nesse sentido pode-se falar de uma “unidade”, em uma configuração histórica particular que se impôs na escola como instituição, mas que se modifica, retoma e recria elementos ao longo do tempo.

Na perspectiva de análise dos autores, pode-se entender os manuais escolares como artefatos da cultura escolar, que representam uma concretização da forma escolar que estabeleceu o ensino simultâneo como modo de ensinar, isto é, de organizar o espaço e distribuir os alunos nas salas de aula, distribuir as atividades e definir os matérias e manuais necessários à organização dos processos de ensinar e aprender.

Embora os manuais escolares tenham se transformado ao longo dos séculos quanto ao conteúdo e forma, pretende-se chamar a atenção, aqui, para a permanência de determinadas características que têm resistido às sucessivas propostas de renovação educativa. Não é sem motivo que os livros têm sido acusados, ciclicamente, de dificultar os avanços sugeridos pelas diversas teorias pedagógicas que valorizam a atividade dos alunos, especialmente por se

---

<sup>4</sup> Ao examinar a constituição da escola na França, por meio de uma análise sócio histórica, os autores conceituam forma escolar como uma configuração surgida no século XVI, em sociedades europeias, mas seguramente também presentes em outras sociedades, na perspectiva de “um modo de socialização escolar” que “se impôs a outros modos de socialização”, em dado momento histórico. (VINCENT et al, 2011, p. 11).

acreditar que os professores costumam “seguir” os livros, acomodando-se ao caminho traçado pelo autor.

Portanto, é possível usar o conceito de forma escolar para discutir o quanto os livros se tornaram diferentes ao longo dos últimos séculos e em quais aspectos os livros têm sido efetivamente modificados, especialmente ao longo do século XX. Nesse século, muitas transformações aconteceram: nos processos de produção editorial e gráfica, fruto do desenvolvimento tecnológico nesse campo de atividade e nas formas de circulação; nos sistemas educativos em diferentes países, expressos pelas suas reformas educativas; e em todos os âmbitos da vida social, pela revolução tecnológica e informacional que criou novos produtos e formas culturais e sociais.

O fato a registrar é que os livros texto digitais aí estão, e de alguma forma se fazem presentes na vida escolar, embora avaliações recentes apontem para uma tendência de queda nas vendas, em parte por razões de natureza comercial. Contudo, se Chartier tiver razão quanto ao fato de que se trata efetivamente de uma revolução não apenas quanto aos protocolos de leitura mas também dos modos de ler, os desafios para escola ultrapassam a mera necessidade de aceitar e usar as tecnologias, exigindo uma recriação das práticas de leitura no âmbito das aulas.

Para contribuir com o debate sobre tais questões, este número da Revista Profesorado apresenta um conjunto de artigos sobre o tema dos livros impressos e dos livros digitais.

O monográfico inicia com o texto de autoria de Jesús Rodríguez Rodríguez e de Nerea Rodríguez Regueira, intitulado “Revisión de la investigación publicada sobre el libro de texto digital en revistas, publicaciones y congresos internacionales de referencia”. Como afirmado ao início desta apresentação, a numerosa produção já existente sobre o tema sugere trabalhos de revisão que permitam realizar balanços, e indicar tanto as contribuições quanto as lacunas existentes na pesquisa acadêmica.

O segundo artigo, de autoria de Miguel Ángel Gómez Mendoza, traz a problemática para o âmbito da escolarização. Intitulado “El libro de texto escolar: espacios, lectura, hábitos digitales y recepción”, o artigo analisa como o livro escolar, em suas versões impressa e digital, é um objeto situado e estreitamente relacionado com a noção de espaço.

Daniela Gonçalves e Susana de Almeida contribuem neste monográfico com o texto “Learning and teaching using digital books: opportunities and constraints”. As autoras colocam em destaque os contornos de uma cultura cada vez mais digital, considerando as oportunidades e limites dos livros digitais como um recurso motivador que demanda critérios específicos de seleção e/ou integração no espaço educativo, potencializando os benefícios da tecnologia na mudança de práticas escolares que estimulem experiências significativas.

O quarto texto é de autoria de Thomas Illum Hansen. A contribuição do autor, em seu artigo “Learning Technology and Patterns of Teaching” focaliza a relação entre os livros didáticos digitais e outros materiais digitais estruturados a partir de uma concepção didática, com objetivos, conteúdos e métodos, por um lado e, de outro lado, os materiais digitais como parte de um modelo integrado de ensino. Parte de uma ampla revisão teórica e do desenvolvimento de um projeto para analisar os impactos dos materiais digitais de aprendizagem.

Segue o artigo “Análisis de la industria editorial y Protocolo para la selección del libro de texto en formato digital”, de autoria de

José Peirats Chacón, Isabel María Gallardo Fernández, Ángel San Martín Alonso e M<sup>a</sup> José Waliño Guerrero. Neste estudo são apresentadas análises sobre as dimensões que configuram as estratégias da indústria editorial nos níveis do ensino obrigatório da Comunidade Valenciana. A metodologia utilizada combina técnicas quantitativas e qualitativas, por meio das quais são examinadas três dimensões que configuram tais estratégias: a tecnológica, a pedagógica e a comercial.

Na perspectiva de um estudo de caso, apresenta-se o artigo “Presencia del libro de texto digital en Galicia: una mirada estadístico-geográfica del Proyecto E-DIXGAL.”. Os atores, Fernando Fraga Varela y Almudena Alonso Ferreiro, analisam a implantação de políticas de livros didáticos digitais na Galícia, em uma abordagem estatística-geográfica. Partindo das convocatórias e resoluções relacionadas às políticas das TIC nessa comunidade, identificam a presença de uma rede tríplice de centros no sistema educativo público que respondem pelos recursos digitais presentes nas escolas.

Ampliando a diversidade de abordagens, o sétimo texto remete a um campo disciplinar específico, a Física. “Do impresso ao digital : perspectivas da concepção e produção do livro didático digital brasileiro de Física”, de autoria de Nilson Marcos Dias Garcia, Daniel Sucha Heidemann e Ruan Carlos Guilherme Barbosa, analisa a presença de elementos digitais nos livros do Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD), que são distribuídos gratuitamente a todos os alunos do Ensino Médio. Os materiais foram analisados com base na Teoria de Aprendizagem Multimídia de Richard Mayer, e a pesquisa evidenciou, entre outros resultados, a necessidade de serem estabelecidas novas formas de avaliação de materiais digitais. Uma das obras didáticas foi analisada longitudinalmente para verificar como seu a incorporação de tais elementos solicitados pelos editais para as obras digitais.

“Estudio sobre los gráficos estadísticos en libros de texto digitales de Educación Primaria española” é o texto apresentado por Danilo Díaz-Levicoy, Belén Giacomone, M. del Mar López-Martín y Juan Luis Piñeiro. No artigo, os autores descrevem resultados de estudo realizado sobre os gráficos estatísticos presentes em um conjunto de livros didáticos digitais destinados à Educação Primária na Andalúcia.

No campo disciplinar da História, David Lefrançois, Marc-André Éthier, Normand Roy, Alexandre Joly-Lavoie, Simon Collin, Vincent Boutonnet, Stéphanie Demers e Julia Poyet contribuem para o monográfico com o artigo “Les manuels numériques: Le cas de l’enseignement de l’Histoire au secondaire dans le Québec Francophone”. Os autores apresentam uma síntese de investigação relacionada ao uso de livros didáticos digitais em aula de História, em Quebec.

A produção de livros digitais no Brasil está em foco no artigo de Alysson Ramos Artuso intitulado “Livro didático digital : o presente, as tendências e as possibilidades no mercado editorial. O tema é abordado a partir da visão do mercado editorial, considerando-se a experiência do autor no mercado brasileiro e espanhol. Destacam-se iniciativas que estão transformando o formato dos livros digitais e sublinha-se que as questões pedagógicas permanecem relegadas a um segundo plano.

“Entre libros de texto impresos y libros de texto digitales: Integración del e-book enriquecido en Educación Primaria” é o título da contribuição trazida por F. Javier Ballesta Pagán y Jesús Martínez Buendía. Os autores analisam a incorporação do e-book EC em um modelo integrador de Educação para as mídias, com a finalidade de ampliar a compreensão da informação e desenvolver uma atitude crítica a partir do uso educativo desse recurso digital. Aponta-se para as possibilidades de incorporação e valorização desse suporte (e-book) que favorece a interação (e-book enriquecido) e fortalece o enfoque construtivista social, compartilhando fontes na perspectiva da Educomunicação, constituindo o modelo que os autores denominam como E-book EC.

O monográfico finaliza com um artigo que aponta desafios para as bibliotecas escolares diante da presença do texto digital. De autoria de Manuel Area Moreira e de Miguel Angel Marzal García-Qismondo, o texto intitulado “Entre libros y pantallas: las bibliotecas escolares ante el desafío digital” analisa o sentido e as funções que as bibliotecas escolares deverão assumir no âmbito de uma escola na qual as tecnologias digitais começam a substituir e/ou complementar os materiais didáticos impressos, especialmente os livros didáticos, no espaço das práticas docentes.

Como se pode evidenciar, o conjunto de artigos apresentados, que foram escritos por autores de diferentes países, representa elementos e situações específicas que estão envolvidas na análise dos livros escolares, especialmente quando se estabelecem as inevitáveis comparações entre os livros de texto impressos e os digitais.

Mas, em todos eles, pode-se situar a questão de fundo que provoca cada leitor a perguntar-se sobre as possibilidades de leitura e de aprendizado que estão sendo construídas no mundo escolar, contemporaneamente, a partir do que Chartier considerou ser, de fato, uma revolução - a revolução do texto digital.

Convidando os leitores à leitura dos textos e à reflexão sobre o tema, concluímos a apresentação deste monográfico com uma citação de Manguel (1997, p, 171) que estimula análises e debates sobre a presença e a força dos livros texto digitais nas próximas décadas:

“A invenção de novas formas para livros é provavelmente infinita, e contudo poucas formas estranhas sobrevivem.”

### Referencias bibliográficas

Chartier, Roger. A aventura do Livro: do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo : Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

Manguel, Alberto. Uma história da leitura. Trad. Pedro Maia Soares. 1ª. Reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Vincent, Guy; Lahire, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n33, jun/2001.